

## **O estudante venezuelano em Roraima e a educação intercultural: relato de experiência sobre uma Escola Pública da Educação Básica.**

Matheus Sousa Ribeiro <sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo é relato de experiência docente sobre a produção do espaço escolar em uma unidade pública da Educação Básica do Estado de Roraima, tendo como objetivo analisar a relação entre o aluno imigrante venezuelano e as vias de uma educação intercultural no seio da própria escola. A pesquisa, desta maneira, utiliza observações realizadas pelo docente acerca da espacialidade produzida no tecido social da escola (não analisando apenas o espaço físico, mas também as relações sociais construídas materialmente no espaço), interpelando fatos históricos da unidade escolar e seu projeto político pedagógico para estabelecer uma análise forma-conteúdo dos possíveis caminhos ou desafios da unidade escolar na realização de uma educação intercultural inclusiva ao aluno imigrante. Os resultados nos indicam um entrave para a educação intercultural na unidade escolar: os alunos imigrantes e brasileiros se segregam no espaço escolar, repercutindo as contradições das práticas sociais no seio escolar – por mais que a escola materialize estratégias de enfrentamento a tais práticas, a reprodução delas ainda se materializa. A educação pública do Estado de Roraima se apresenta como um campo fértil para a realização de uma verdadeira Educação Intercultural, portanto, novos estudos na área devem ser desenvolvidos para evitar que essa fertilidade seja completamente erodida.

**Palavras-chave:** Educação Intercultural; Alunos imigrantes venezuelanos; Espaço escolar.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é um desdobramento da Pesquisa a ser desenvolvida como dissertação para o Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual de Roraima. A referida pesquisa objetiva compreender a realidade espacial produzida na Escola Estadual da Educação Básica, localizada no município de Boa Vista, Estado de Roraima.

Devido à crise político-econômica na Venezuela e o Estado de Roraima ser a unidade federativa brasileira fronteira com aquele país, o Estado recebeu uma grande quantidade de imigrantes venezuelanos. De acordo com os dados sistematizados pelo Subcomitê Federal para Recepção, Identificação e Triagem dos Imigrantes, registra-se cerca de 778.045 entradas no Brasil entre os períodos de janeiro de 2017 a agosto de 2022 (BRASIL, 2022).

---

<sup>1</sup> Graduado em Gestão Ambiental pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL), graduado em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e, atualmente, mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Roraima (UERR). Professor do quadro efetivo da Secretaria de Educação e Desporto do Estado de Roraima (SEED/RR), [mrtheu03@live.com](mailto:mrtheu03@live.com)

Nesse sentido, o Estado de Roraima – a principal porta de entrada – recebe uma ampla quantidade de crianças e adolescentes em idade escolar, mas um dilema se apresenta: esses alunos estão sendo integrados a realidade escolar ou estão sendo efetivamente inclusos?

O atual artigo focará na análise espacial das contradições vividas no seio escolar a partir dos indicadores que se apresentam ao olhar docente.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa encontra-se em andamento, sendo realizada na Escola Estadual da Educação Básica do Estado de Roraima – o nome não vai ser revelado como forma de preservar a identidade da unidade escolar. Duas motivações levaram a escolha da referida unidade escolar: a) as inquietações do pesquisador, por ser o ambiente profissional que atua, visando compreender o espaço escolar em sua totalidade; b) a localização da escola é estratégica, pois se situa na Zona Oeste de Boa Vista, em especial no bairro Dr. Silvio Botelho, a aproximadamente 200m do Abrigo do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) para os imigrantes Venezuelanos, atualmente desativado por questões infraestruturais – porém apesar de estar desativado, imigrantes venezuelanos ainda vivem no lugar.

A estratégia metodológica para a realização da pesquisa é considerar as vivências prévias realizadas pelo pesquisador, acerca da espacialidade produzida em sala de aula e nos espaços em comuns. No segundo momento, ainda a ser aplicada, uma série de entrevistas semiestruturadas aos alunos venezuelanos serão realizadas para ecoar as vozes, por vezes silenciadas. Contudo, nesta produção, focaremos apenas nas análises introdutórias sobre o olhar professor-pesquisador acerca da realidade escolar.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

De acordo com Guacira Lopes (1997), “A escola define espaços” que formam uma variedade de significados. A configuração do ambiente de interação entre estudantes brasileiros e imigrantes na instituição de ensino pode se expressar de formas diversas, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Desafiar a naturalização desse processo implica em entender a complexidade social que se encontra por trás desse fenômeno no contexto escolar, não como algo vinculado à simplista ilusão da “liberdade individual”. Nossas ações no mundo concreto

derivam de uma intenção previamente concebida, consciente e teleológica (a prática social é, antes de tudo, subjetividade materializada), mas sim de como as interações sociais que ocorrem fora da escola podem influenciar os significados nas relações que se formam dentro do ambiente escolar.

Tal "naturalidade" tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas. Observamos, então, que eles parecem "precisar" de mais espaço do que elas, parecem preferir "naturalmente" as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos de "invadir" os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na "ordem das coisas". Talvez também pareça "natural" que algumas crianças possam usufruir de tempo livre, enquanto que outras tenham de trabalhar após o horário escolar; que algumas devam "poupar" enquanto que outras tenham direito a "matar" o tempo. Um longo aprendizado vai, afinal, "colocar cada qual em seu lugar". Mas as divisões de raça, classe, etnia, sexualidade e gênero estão, sem dúvida, implicadas nessas construções e é somente na história dessas divisões que podemos encontrar uma explicação para a "lógica" que as rege (LOURO, p. 60).

Portanto, compreender os espaços criados no ambiente escolar exige ir além de uma visão superficial ou naturalizada da paisagem escolar. O espaço escolar é construído a partir das relações sociais de produção. Assim, práticas frequentemente vistas como "rotineiras" e "comuns" merecem um olhar crítico para evitar a naturalização de algo que pode ter sido moldado por intenções específicas. Em outras palavras, é essencial "desconfiar do que é tomado como 'natural'" (LOURO, 1997, p. 63).

As reflexões de Guacira reforçam a necessidade de investigar a realidade singular que envolve a Escola Estadual, considerando a diversidade étnico-racial dos sujeitos presentes no ambiente escolar. Torna-se fundamental compreender a paisagem dessa unidade escolar como uma ferramenta analítica para a pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A unidade escolar não é uma ilha, mas situa-se dentro de uma dada sociabilidade. As relações sociais de produção se relacionam umbilicalmente com a escola, pois nela serão propagados valores da sociedade em vigor, produzindo intencionalmente subjetividades que conservem a hegemonia da sociabilidade burguesa vigente e naturalizem fenômenos eminentemente sociais como uma história dada e acabada.

Tal "naturalidade" tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e

moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas. Observamos, então, que eles parecem "precisar" de mais espaço do que elas, parecem preferir "naturalmente" as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos de "invadir" os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na "ordem das coisas". Talvez também pareça "natural" que algumas crianças possam usufruir de tempo livre, enquanto que outras tenham de trabalhar após o horário escolar; que algumas devam "poupar" enquanto que outras tenham direito a "matar" o tempo. Um longo aprendizado vai, afinal, "colocar cada qual em seu lugar". Mas as divisões de raça, classe, etnia, sexualidade e gênero estão, sem dúvida, implicadas nessas construções e é somente na história dessas divisões que podemos encontrar uma explicação para a "lógica" que as rege (LOURO, p. 60).

Milton Santos (2006, p. 213) afirma que "o mundo se encontra em toda parte". Portanto, investigar cientificamente o lugar – no nosso caso a escola – exige a superação de métodos localistas de pesquisa, desarticulando o lugar da sociedade (do mundo), mas exige do pesquisador compreender como as diferentes escalas do fenômeno (o mundo e o lugar) se relacionam dialeticamente.

Inevitavelmente as contradições produzidas no seio da sociedade se manifestarão no tecido espacial escolar, por mais que haja contestações quanto a estas práticas. Nesse sentido, cabe a escola navegar no sentido contrário a maré para fraturas as ondas hegemônicas, apontando as contradições das suas práticas sociais.

Apresento estas duas reflexões introdutórias, pois elas guiam um problema central que se manifesta no espaço da Escola Estadual: a segregação socioespacial entre alunos venezuelanos e alunos brasileiros. Inúmeros fatores podem estar por trás desta segregação espacial, apontarei hipóteses neste momento, haja visto que as entrevistas não foram realizadas até o presente momento.

Sayad (1988) nos indica como o imigrante é posto a margem da sociedade capitalista: seja por meio da superexploração da força de trabalho destes sujeitos; como também pela reprodução de violência simbólica que atinge os corpos imigrantes, inclusive atribuindo as contradições do seio da sociedade capitalista à eles – apesar de ser uma narrativa apresentada pelo Sayad em um contexto do capitalismo central francês sobre a figura do argelino, podemos observar fenômeno similar sobre a construção simbólica hegemônica acerca do venezuelano na sociedade roraimense.

‘O ideal’ teria sido que, assim definido, o imigrante fosse uma pura máquina, um sistema integrado de alavancas [...] uma vez que o imigrante não é puramente mecânico, é forçoso conceder-lhe um mínimo. Assim, como trabalhador, é preciso que seja alojado mas então o pior dos alojamentos [...] é amplamente suficiente; como doente, é preciso que seja tratado [...] mas que seja da forma mais rápida e mais econômica, sem tomar sempre o tempo e o cuidado que uma situação particular requer [...] privá-lo das vantagens (ao

menos das principais vantagens) que lhe dão sua qualidade de trabalhador e de pai. Enquanto trabalhador, assegurar-lhe – ao menos teoricamente – a igualdade de salário [...] enquanto pai, não se poderia, por exemplo, privar seus filhos de educação escolar e de formação profissional (ao menos até os 16 anos, o que é uma obrigação da lei), mas a lógica do sistema de ensino e de formação reduz essa escolaridade e esse aprendizado ao estritamente necessário (o mínimo de tempo, o custo menos alto e a certeza de reproduzir in loco a força de trabalho que seus pais haviam trazido ao emigrar (SAYAD, 1998, p. 59).

Porém, como já fora apontado acima, as práticas contraditórias vivenciadas fora da unidade escolar podem ser reproduzidas no espaço escolar; a escola não é um membro a parte da sociedade, pelo contrário. A violência simbólica sob os corpos imigrantes no seio da sociedade pode ser reproduzida, desta maneira, no espaço escolar. Por mais que a unidade escolar despreze tais práticas e adote estratégias de “conscientização” em prol do combate a xenofobia, não significa afirmar que a escola não reproduz práticas contraditórias pelos diversos atores que a produzem.

A violência, material ou simbólica, sob o corpo do imigrante em território brasileiro, pode conduzir o aluno venezuelano a adotar uma estratégia de autodefesa ao se relacionar predominantemente com alunos que tenham a mesma nacionalidade, sendo produzido no espaço escolar um fenômeno de segregação (que não parte de uma iniciativa própria do aluno imigrante, mas sim pelas condições da dinâmica social).

Ao mesmo tempo, uma outra hipótese é que a segregação pode partir das práticas do brasileiro em direção ao imigrante, pela construção simbólica produzida sobre o imigrante que se inculca no seu imaginário social.

Em determinados momentos, a unidade escolar precisou intervir acerca dos atos de xenofobia promovidos pelos próprios estudantes brasileiros em direção aos venezuelanos, intervenções realizadas pelo próprio corpo docente em parceria com a gestão da unidade escolar – e, em um momento isolado, contou com a participação do Conselho Tutelar, em um diálogo estreito que envolveu alunos brasileiros e imigrantes, além dos seus respectivos responsáveis, de uma respectiva turma.

A alteridade do venezuelano é tão negada na sociedade por meio de uma narrativa moralista, a ponto de o mesmo querer silenciar, certas vezes, a sua própria identidade na unidade escolar.

Em certas atividades desenvolvidas na escola promovidas, em parceria com Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR), especificamente para alunos venezuelanos visando a questão do acolhimento, determinados alunos de origem

venezuelana não se reconheciam como tal e se negavam, portanto, a participarem de tais atividades.

Ciente de tais problemas, uma das estratégias da Escola foi a criação de um espaço de convivência que visava incluir brasileiros e imigrantes, em parceria com tal organização não governamental. O espaço de convivência se localiza em uma determinada ponto da unidade escolar, registrado na parede pinturas, desenhos e frases feitas pelos próprios estudantes, as quais visam estimular a criação de vínculos afetivos e fraturar práticas excludentes no seio da escola.

Na paisagem do espaço de convivência, as seguintes mensagens eram veiculadas em letras coloridas: “*Nadiete puede hacer sentir inferior, sin tu consentimiento*”; “Não importa a cor do céu. Quem faz o dia bonito é você”, “*Todos unidos hacemos un mundo mejor*”. Os dizeres na língua espanhola apontam uma memória à língua materna e a necessidade de demarcar a sua própria identidade linguística.

Aliado a isso, inúmeras mãos dos estudantes que participaram do projeto foram registradas aleatoriamente na parede em múltiplas cores, demarcando a resistência destes povos no espaço escolar apesar das adversidades que possam se apresentar.

Por último, foi registrado a logotipo da SJMR, PADF (Fundação Pan-Americana de Desenvolvimento), além das bandeiras da República Federativa do Brasil e República Bolivariana da Venezuela em fusão, sendo apontado autonomamente pelos estudantes a necessidade de confluência entre os povos latinos (diferente dos indicadores que têm se apresentado ao longo do trabalho).

Apesar disso, a inclusão não deve se manifestar exclusivamente ao lugar em que fora construído o “espaço de convivência”, mas sim se propagar em todo o espaço escolar, construindo atos educativos contrahegemônicos que ressignifiquem as práticas sociais para além dos muros da escola, fraturando o pensamento conservador hegemônico.

Por mais que a pesquisa esteja em fase de desenvolvimento, os primeiros indicadores acerca da realidade nos permitem observar que a Educação Intercultural se encontra como um paradigma dentro da realidade da Escola Estadual, haja visto que a inclusão do imigrante na sociedade é uma realidade distante, portanto repercutindo na realidade escolar.

Para lidar com tais contradições, a leitura freiriana nos aponta um horizonte: a humanização do sujeito como uma grande tarefa histórica para a Escola. Na qual, os sujeitos devem expressar o respeito as múltiplas culturas e saberes no processo educativo, além de respeitar as suas expressões, linguagens, religiosidades, etc.

Candau (2020) afirma que “Para a educação intercultural crítica, um aspecto básico é desvelar as formas de colonialidade presentes no cotidiano de nossas sociedades e escola”. Afinal, é no ato de desvelar a colonialidade intencionalmente produzida pelos atores hegemônicos no nosso imaginário social, que teremos os instrumentos necessários para desnaturalizar os diferentes juízos de valores atribuídos aos múltiplos grupos socioculturais e suas hierarquizações.

Se por um lado, no primeiro olhar, a Educação Intercultural se apresenta como um paradigma nas práticas atuais dentro da unidade escolar em análise frente a realidade social. Por outro, a mesma unidade se apresenta como um campo fértil para a Educação Intercultural frente a multiplicidade de grupos étnicos-culturais e o compromisso social da escola em tecer estratégias visando a inclusão dos respectivos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na medida em que a alteridade dos sujeitos imigrantes venezuelanos é negada pela suposta “provisoriamente” do imigrante, as vozes destes são silenciadas. Por mais que a escola construa estratégias de combate a tais atos, tal fenômeno é eminentemente social: uma construção simbólica produzida pelos setores conservadores da sociedade que refletem em práticas contraditórias no tecido socioespacial da escola.

A opressão e exploração, portanto, andam de mãos dadas na realidade dos imigrantes dentro da sociedade capitalista, trazendo à tona impactos dentro da realidade escolar que indicam, até o presente momento, um entrave na construção de uma verdadeira Educação Intercultural

Diante disso, a investigação precisa seguir um novo rumo: a realização das entrevistas para ecoar as vozes dos estudantes imigrantes. Mais adiante, um novo artigo científico será produzido buscando analisar a forma-conteúdo de acordo com as vivências do estudante imigrante na unidade escolar. Nesse sentido, veremos se as hipóteses, até então, apresentadas no presente artigo se confirmam ou não, como também analisar se novos elementos se apresentam ao longo da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Migração Venezuelana (Janeiro 2017 – Agosto 2022)**. [Brasília]: Ministério da Justiça e Segurança Pública, agosto de 2022. Disponível em: <  
[https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomit%C3%AA\\_federal/publica%C3%AA](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomit%C3%AA_federal/publica%C3%AA)

[A7%C3%B5es/informe-migracao-venezuelana-jan2017-ago2022-v1.pdf](#)>. Acesso em: 5 de maio de 2024.

FREIRE, P. **A importância do ato de lerem três artigos que se complementam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**/Guacira Lopes Louro – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da Alteridade** / Abdelmalek Sayad; prefácio Pierre Bourdieu; tradução Cristina Murachco. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.!